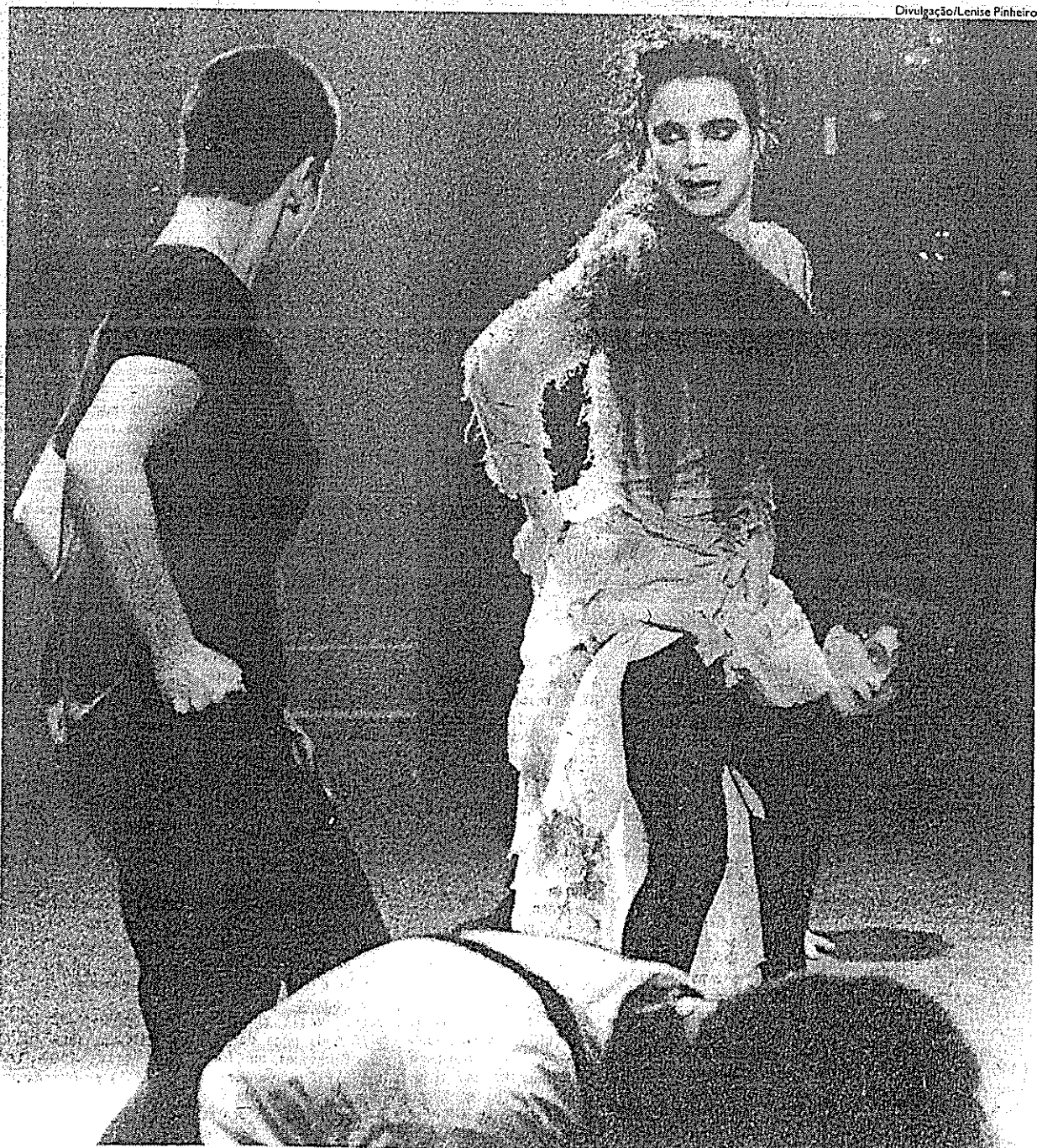


## Folha de S Paulo

## ACONTECE

TEATRO

## Thomas liberta Carmen de seu mito de origem



Divulgação/Lenise Pinheiro

A atriz Magali Biff (à esquerda) contracena com Bete Coelho na peça "Carmen 2", de Gerald Thomas

## HAROLDO DE CAMPOS

Especial para a Folha

Uma (ostensiva) madona ginecológica em cena aberta.

Uma roda-totem (Duchamp) que é uma roda é uma roda é uma roda até que uma bicicleta (seu duplo de rodas) lhe ande à roda e ela fique tão simplesmente uma (o que ela é) roda.

Uma Carmen crucifixa entre farricocos desencapuzados que a levam em procissão fúnebre-nupcial. "Carmen est maigre, —un trait de bistre/ Cerne son oeil de gitana./ Ses cheveux sont d'un noir sinistre./ Sa peau, le diable la tana." (Théophile Gautier). (Carmen é magra, —orla de bistre/ Frisa-lhe o olho de gitana./ Cabelos de um negro sinistro./ Sua pele, bronzeou-a Satã).

Não, esta Carmen 2 (Bete Coelho) não tem o olho de cigana nem a pele morena de sol andaluz como a de Gautier (e a de Merimée/Bizet). É uma Carmen expressionista, uma pierrette translucida, travestida de Carmen como se Edvard Munch tivesse reimaginado a sevilhana voluntariosa em gótico recorte preto-e-branco de filme de Murnau. Taconear no peito de Nosferatu, o morto-vivo (o teatro?). Vampirizar o vampiro?

É uma Carmen que se desconstrói, se questiona, não se conforma com o Urbild de seu mito. Quer reescrever-se como história, rejogar-se como jogo: porém com cartas não marcadas.

Tudo se passa num labirinto desconcertante de conexões e desconexões, onde um monge-bruxo de Jeronimus Bosch pode cruzar com o traído tenente José e

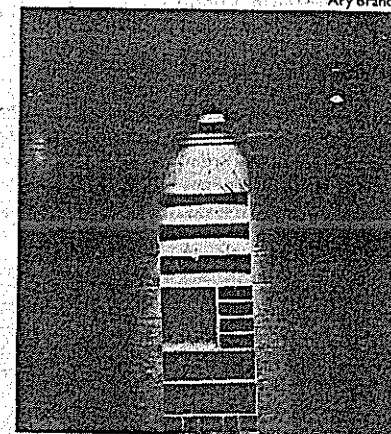
## 'Tant pis' para quem não entende

Especial para a Folha

Uma —levitante— mesa de Salvador Dalí, que pode ser tábua ou lampadário, mas que de tão visível se invisibiliza: baldaquino suspenso sobre uma insinuada quarta dimensão. Abajur esotérico?

Uma biblioteca —nave de catedral?— que terá sido sem dúvida o Gabinete de Leitura do Castelo fantasma de Franz Kafka.

Entre os alfarrábios, almagostos e incunábulo que se escondem nas impassíveis prateleiras haverá, sem dúvida, uma edição príncipe —árabe-hebraico-espanhola do "Guia dos Perplexos" de Maimônides. (É pena, nada permite



O cenário-biblioteca da peça "Tant pis para quem não entende", de Haroldo de Campos.

(Haroldo de Campos)

uma capa vermelha se afoga na tinta escura de Zurbarán.

Afinal: Disparates de Goya encenados com disparos de bateria minimalista atravessando a música monumental de Wagner.

E aquele colégio de penitentes sonoristas, lêmures cujo coro de rumores é regido pelos gargarejos de um maestro obstinadamente tartamudo?

Como Mme. Bovary para Flaubert, para Gerald Thomas: Carmen c'est moi.

Carmen c'est le théâtre. O teatro. Livrá-lo, a ele, do ranço de seu velho discurso desamoroso. Como, a ela, libertá-la do seu mito de origem (contratipado no

de Helena, grega e goethiana): femme fatale.

Ao invés de especular sobre o Eterno Feminino, esquadrinhar o Interno do Feminino.

A equação está aí. Basta resolver-lhe as incógnitas.

A verdade é vertiginosa. "O vero" —já dizia Hegel— "é o delírio báquico". Das Wahre ist so der bacchantische Taumel.

CARMEN COM FILTRO 2 - Texto e direção: Gerald Thomas. Montagem da Companhia da Ópera Seca. Com Bete Coelho, Magali Bliff, Luiz Damasceno. Teatro Ruth Escobar (R. dos Ingleses, 209, tel. 289-2358, Bela Vista, região central). De quarta a domingo às 21h30. Ingressos entre Cr\$ 200,00 e Cr\$ 350,00.

HAROLDO DE CAMPOS, 60, é poeta e autor de "Galáxias", "Signância Quasi Coelum", "Deus e o Diabo no Fausto de Goethe" e "Metalinguagem".